

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



**São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012**

BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NO IFS NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS

Anne Alilma Silva Souza Ferreteⁱ

Rodrigo Bozi Ferreteⁱⁱ

Educação e Ensino de Ciências Humanas e Sociais

Resumo

O objetivo dessa pesquisa consistiu em investigar e analisar a escolarização dos alunos com necessidades especiais no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Sergipe (IFS), campus Aracaju-SE, focando os últimos dez anos, quando se intensificou o ingresso de portadores de necessidades especiais e foi criado o Núcleo de Apoio à Pessoa com Necessidades Educativas Especiais (NAPNEE). Destacamos que antes de sua criação, não era documentado o ingresso e participação de portadores de necessidades especiais no IFS. Com este estudo, esperamos iniciar a inserção da História da Educação Especial do IFS no contexto histórico “oficial” deste Instituto, para que fiquem registradas suas lutas, dificuldades e vitórias, alcançadas.

Palavras-chave: Educação. Educação Matemática. História da Educação Inclusiva.

Summary

The aim of this study was to investigate and analyze the education of students with special needs at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Sergipe (IFS), Aracaju-SE campus, focusing on the past ten years, when it intensified the ticket holders special needs and created the Support Center for Persons with special Educational Needs (NAPNEE). We emphasize that before its creation was not documented entry and participation of people with special needs in the IFS. With this study, we expect to begin integration of the History of Special Education in the historical context of IFS 'official' this Institute, with the expectation that these are their stories, struggles, hardships and victories recorded.

Keywords: Education. Mathematics Education. History of Inclusive Education.

1. INTRODUÇÃO

Verificamos que nas últimas décadas, no Brasil, têm surgido trabalhos que relatam a história do conhecimento matemático de diversos estudiosos da matemática, ou de instituições de ensino de destaque nacional. No entanto, não encontramos dentro da Educação Matemática, trabalho na área da História da Educação Especial, e observamos que, até mesmo, trabalhos sobre a Educação Inclusiva, ainda são incipientes. Tal fato pode ser explicado por um comodismo ou otimismo, da grande parte dos professores e pesquisadores dessa área, que esperam dos profissionais que trabalham com a Educação Inclusiva, respostas imediatas a todos os desafios relacionados a essa temática. Temos observado que a reação do professor, ao se deparar na sala de aula com um aluno com necessidades especiais, consiste em indagar ao aluno como ele deverá proceder para superar os desafios metodológicos, com objetivo desenvolver favoravelmente seu conteúdo. Normalmente a reação é imediata e o professor procura a direção da escola, para obter orientações. Como as respostas não são tão simples, porque há diversos tipos de necessidades especiais, essa escassez de pesquisas resulta na obtenção de uma literatura bastante insuficiente para dar suporte a tantos questionamentos.

A fim de começarmos a reverter esse cenário, lançamos mão desta pesquisa, que teve como objeto de estudo, os alunos com necessidades educacionais especiais que estudam, ou estudaram, no IFS Campus de Aracaju - SE, nos últimos dez anos de sua história. Infelizmente, esses alunos se encontram à margem da história da Instituição, como se todos fossem iguais, e não houvesse aqueles que necessitam de atenção especial para ajudá-los a alcançar os objetivos aos quais se dispõem, só constando da história dessa instituição os alunos “bem sucedidos”, aqueles que se formam “com louvor”, deixando no esquecimento, registros daqueles que, devido às suas condições, tiveram que dispender esforços gigantescos para acompanhamento das aulas e superação de suas necessidades especiais.

Normalmente fatos relacionados não são temas evidenciados nas conversas entre os professores que ao se lembrarem de determinadas turmas, citam como referências os alunos que se destacaram com notas acima da média, enquanto que os alunos com necessidades especiais, são lembrados apenas por suas “deficiências”, e, muitas vezes, são ironizados pelos próprios professores e colegas. Isso ocorre na Instituição, por existir em sua comunidade uma completa exclusão da

história dos alunos com necessidades educacionais especiais. Assim, suas conquistas, lutas, angústias e derrotas, ao longo dos seus cem anos, são desprezadas. Ignorados pela história, as centenas de alunos com necessidades especiais que estudaram ou que ainda hoje estudam no IFS, passam sem que as suas experiências sejam registradas e aproveitadas por profissionais da educação em benefícios de outros que haverão de vir.

A partir da última década do século XX, acentuou-se a discussão do caráter inclusivo da escola, em consonância com a Declaração de Salamanca (Espanha, 1994), que se afirma na necessidade da instituição escolar acolher a todos alunos e ministrar a cada um a necessária educação. A partir disso, muito tem se discutido sobre: as formas de como fazer essa inclusão; a diferença entre incluir e inserir; como o professor deve trabalhar as necessidades especiais dos alunos; como sensibilizar e preparar os professores para desenvolver esse trabalho; entre outras tantas questões que envolvem o tema da Inclusão Escolar.

Não obstante, poucos foram os trabalhos desenvolvidos sobre a História da Educação Especial, principalmente, na região nordeste do país. A falta de pesquisas históricas, nessa área, tem deixado perguntas sem respostas na discussão da inclusão escolar, bem como, um buraco na História da Educação Brasileira. Souza (2007, p. 25) levanta as seguintes questões:

- a. Como se configurou a gênese da educação de surdos em Aracaju?
- b. Quais os princípios e práticas que norteiam o nascimento da educação de surdos em Aracaju?
- c. O que se modificou com o tempo?
- d. Quais as bases teóricas que nortearam a criação e a implantação das duas Instituições pioneiras: a Escola de Surdos do Centro de Reabilitação Ninota Garcia e a Escola 11 de Agosto?
- e. Quais os principais atores sociais envolvidos nessa gênese?

A partir desses questionamentos, a autora defende a inclusão, na História da Educação, da História da Educação Especial, destacando que, em manuais clássicos da História da Educação, como Cambi (1999), Lopes e Galvão (2000), entre outros, essa importante temática não é abordada.

Sendo assim, buscamos contribuir com os trabalhos de Souza (2007), que põe em evidência a história dos surdos em Aracaju; da mesma forma que em Souza (2005 e 2009), documentos em que relata a história da Educação Especial em Sergipe, a fim de compreendermos melhor o desenrolar da História da Educação Especial em Sergipe. Com este objetivo, lançamos mão dos questionamentos que tentamos responder com este trabalho, mas que deixamos evidente a necessidade de desenvolvermos mais pesquisas, pois ainda não nos foi possível responder a todas questões, haja vista a falta de subsídios tais como ocorreu a trajetória da Educação Especial no IFS; Quais os princípios e práticas que nortearam o ingresso dos primeiros alunos com necessidades especiais no IFS? Quais foram os principais atores e coadjuvantes envolvidos na história da educação especial do IFS? Quais as principais mudanças ocorridas no processo de inclusão escolar do IFS? Quantos e quais alunos com necessidades especiais conseguiram concluir seus cursos no IFS? E quais as influências dos alunos com necessidades especiais na metodologia dos professores de matemática do IFS?

2. OS CAMINHOS PERCORRIDOS

Os instrumentos utilizados nesta pesquisa foram: análise bibliográfica, análise documental, entrevistas semiestruturadas. Realizamos também uma revisão bibliográfica sobre o tema, além da análise documental que consistiu no estudo da documentação legal referente ao ingresso e acompanhamento dos alunos com necessidades especiais na Instituição.

A análise documental incluiu: histórico dos alunos, relatórios das monitorias e do acompanhamento desses alunos, consulta ao material produzido por eles e por seus professores, relatórios e documentos expedidos pelo NAPNEE, diário dos professores de matemática que tiveram experiências com esses alunos; matérias em jornais e revistas que nos permitiram acessar informações sobre as práticas e os saberes difundidos acerca dos alunos com necessidades especiais no IFS.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com os professores e técnicos administrativos que atuam ou atuaram no NAPNEE; professores de matemática que tiveram ou que têm alunos com necessidades especiais; servidores aposentados que trabalharam com esses discentes; alunos com necessidades especiais que estudam ou estudaram na Instituição, selecionados em nossa amostra; seus familiares e amigos que acompanharam sua trajetória dentro da Instituição; alunos que atuam ou atuaram como monitores de alunos com necessidades especiais; bem como, servidores que desenvolveram ou desenvolvem trabalhos com esses alunos.

Durante a realização dessas entrevistas, buscamos efetuar o cruzamento de informações históricas e sociológicas. Segundo a concepção de Elias (2001), essa relação, e estrutura se comportam de forma coerente à relação do indivíduo com seus atos, uma vez que o indivíduo não aparece mais de forma isolada, independente dos demais. Nesse sentido, o indivíduo é observado da maneira como se apresenta, como um sistema próprio, aberto, orientado para a reciprocidade, e ligado por interdependências dos mais variados tipos. Vejamos como Freitas (2003, p. 12), comenta a cerca de um trabalho histórico-sociológico:

“A utilização das histórias de vida, relatos orais, depoimentos, memórias e biografias, em conjunto com outros documentos, permitem um diálogo instigante entre os processos de formação/escolarização, os projetos familiares e as escolhas profissionais”.

Desta forma, procuramos compreender os alunos com necessidades especiais como indivíduos pertencentes a uma sociedade, buscando entender seus projetos profissionais, sua estrutura familiar, os motivos que o fizeram escolher o

curso e a Instituição, a fim de podermos entender, de forma mais abrangente, a história da educação especial no IFS.

3. A VERSÃO HISTÓRICA DO IFS DIFUNDIDA NA SOCIEDADE

Em seu sitio oficial na *internet* (<http://www.ifs.edu.br>), o IFS relata que sua história se iniciou há mais de cem anos, quando o então Presidente Nilo Peçanha, no dia 23 de setembro de 1909, assinou o Decreto, no qual instituiu as Escolas de Aprendizes e Artífices em todo Brasil. Porém, a escola em Aracaju, só passou a funcionar, a partir do dia 1º de maio de 1911, com o nome de Escola de Aprendizes e Artífices de Sergipe, sendo a última a ser instalada, face às dificuldades financeiras enfrentadas pelo governo do Estado. A escola começou a funcionar num prédio situado à Rua de Lagarto, esquina com Rua Maruim. E iniciou o ano letivo com o curso primário que compreendia os Cursos de Letras e de Desenho Geométrico, além de dispor do curso de ofícios que compreendia os cursos de alfaiataria, marcenaria, ferraria, selaria, mecânica e sapataria. Em 1915, diplomou-se a primeira turma da escola, e os primeiros alunos, receberam prêmios compensadores como passagem para fazer cursos de Especialização nos Estados Unidos.

Em 1937, as Escolas de Aprendizes passaram a denominar-se Liceu. Em Sergipe, passou a se chamar Liceu Industrial de Aracaju até 1942, quando passou a ser denominada Escola Industrial de Aracaju, com a aprovação da Lei Orgânica do Ensino Industrial. Nesse período, algumas matérias foram desdobradas, enfatizando-se aspectos de cultura geral básicos ao ensino profissional, incluindo aquisição de materiais didáticos, sobretudo na área de Ciências Físico-Naturais.

A partir de 1944, passou a ser permitido o ingresso de alunos do sexo feminino na escola, em cursos de conotação específica de Educação Doméstica, tais como: Corte e Costura, Flores, Chapéus e Ornatos.

Em 1958, a Escola Industrial de Aracaju, passou por uma reforma curricular e conquistou a equivalência com o ensino médio, e foi transformada em Autarquia Federal, adquirindo autonomia didática, financeira, administrativa e técnica. Assim, a escola adquiriu dupla função: finalística, através do preparo profissional; propedêutica, para o prosseguimento de estudos em grau mais elevado, a fim de proporcionar base de cultura geral e iniciação técnica, que possibilitaria ao

educando, integrar-se na comunidade e participar do trabalho produtivo, ou ainda, prosseguir seus estudos. Preparava-se, então, o caminho para a implantação do curso ginasial e do curso técnico de 2º grau.

Somente em 1965, ocorreu a mudança do nome da instituição, que até então se chamava Escola Industrial de Aracaju para Escola Técnica Federal de Sergipe. Foi oficializada, através da Portaria nº 239 de 03 de setembro daquele ano. E em 1975, através da portaria nº 503 de 16 de outubro, o Ministério da Educação e Cultura, aprovava o Regimento Interno da Escola, que passava por uma reforma na sua estrutura, sendo implantado um organograma que vigorou até 1998. Foram criados os Departamentos, a administração foi descentralizada, surgiram as coordenadorias e divisões. Nesse momento, foi criado o Serviço de Integração Escola-Empresa, objetivando uma relação mais estreita com o setor produtivo.

Em 1986, o governo lançou o plano de expansão do ensino técnico com a implantação de 200 novas Escolas no Brasil. Porém, só em 1988, inicia-se a construção da Unidade Descentralizada de Lagarto - UNED, que começou a funcionar em 1994, com os cursos de Edificações e Eletromecânica.

No ano de 2002, a Escola Técnica de Sergipe, transforma-se em Centro Federal de Educação Tecnológica de Sergipe – CEFET-SE. Nesse mesmo ano, o ingresso de alunos com necessidades especiais, passa a ser acompanhado pelo Núcleo de Apoio à Pessoa com Necessidades Educativas Especiais (NAPNEE), com sede no Campus de Aracaju.

Sete anos mais tarde, em 2009, o Governo Federal cria 38 Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. O CEFET-SE e a UNED de Lagarto, une-se com a Escola Agrotécnica Federal de Sergipe, e são transformadas em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe – IFS. Daí então passou a oferecer do ensino médio integrado ao profissional, cursos superiores de tecnologia, bacharelado em engenharias e licenciaturas.

Nos sete primeiros anos de existência, o NAPNEE acompanhou o ingresso e o desempenho de noventa e nove alunos com necessidades especiais, conforme o quadro abaixo:

Quadro 01: Ingresso dos alunos com necessidades especiais

Ano	Quantitativo de alunos Deficientes que ingressaram	Curso de ingresso	Tipo de deficiência	Situação Atual
2002	3	Ensino Médio	2 DF ^{III} ; 1 DA	Todos Reprovados
2003	12	Ensino Médio	6 DF; DFM; 1 DMV; 1 DA; 3 DM	10 Ap ^{IV} ; 2 Re
2003	2	Técnico	1 DV; 1 DF	2 Ap
2004	17	Ensino Médio	9 DF; 1 DFM; 1 DMV; 2 DA; 4 DM	9 Re; 8 Ap
2004	6	Técnico	1 DM; 4 DF; 1 DV	3 Ap; 3 Re
2004	4	Tecnológico ^V	4 DF	2 Ap; 2 Re
2005	19	Ensino Médio	10 DF; 2 DM; 4 DA; 3 DM	8 Ap (1 Formado); 12 Re
2005	15	Técnico	6 DF; 3 DM; 3 DV; 3 DA	6 Apr (2 Formado); 9 Re
2005	5	Tecnológico	5 DF	4 Ap; 1 Re
2006	20	Ensino Médio	7 DA; 10 DF; 1 DV; 1 DMV; 1 DMF	7 Ap (3 Formado); 13 Re
2006	26	Técnico	6 DV; 13 DF; 4 DA; 3 DM	15 Ap (3 Formados); 11 Re
2006	5	Tecnológico	5 DF	5 Ap
2006	3	Superior	3 DF	2 Ap; 1 Re
2007	15	Ensino Médio	3 DA; 9 DF; 1 DV; 2 DMF	10 Ap (4 Formados); 4 Re
2007	2	Integrado ^{VI}	1 DF; 1 DV	2 Ap
2007	23	Técnico	4 DA; 5 DV; 1 DM; 11 DF; 1 DMV; 1 DA	9 Ap (3 Formados); 14 Re
2007	6	Tecnológico	6 DF	3 Ap (1 Formado); 3 Re
2007	4	Superior	3 DF; 1 DV	3 Ap; 1 Re
2008	9	Ensino Médio	5 DF; 1 DA; 1 DFI; 1 DVI; 1 DA	7 Ap (6 Formados); 2 Re
2008	3	Integrado	1 DF; 1 DV; 1 DA	2 Ap; 1 Re
2008	20	Técnico	6 DA; 2 DV; 1 DM; 11 DF	10 Ap (3 Formados); 10 Re
2008	7	Tecnológico	6 DF; 1 DV	6 Ap (1 Formados); 1 Re
2008	3	Superior	2 DF; 1 DV	3 Ap
2009	3	Ensino Médio	1 DV; 2 DF	
2009	3	Integrado	1 DV; 1 DF; 1 DA	
2009	15	Técnico	13 DF; 2 DA	
2009	5	Tecnológico	4 DF; 1 DV	
2009	4	Superior	3 DF; 1 DV	

Ressaltamos que, dos 99 alunos acompanhados pelo Núcleo, nesses sete anos, apenas 27 alunos conseguiram concluir os cursos nos quais ingressaram: 14 concluíram o Ensino Médio; 11 concluíram curso Técnico e 2 alunos se formaram no curso Tecnológico em Ecoturismo. Observamos, ainda, que o índice médio de reprovação dos alunos com necessidades especiais é de aproximadamente 44%, excluindo os alunos que passam de ano ou semestre, e ficam de dependência em

alguma matéria. Esse índice só não é maior, devido ao grupo de profissionais que atuam no NAPNEE, auxiliando esses alunos em seus estudos.

Porém, a história desses alunos e dos que entraram nessa Instituição de Ensino, antes da criação do NAPNEE, é negligenciada pela instituição e pela sociedade como um todo, não fazendo parte da história oficial do IFS.

4. A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Em uma pesquisa preliminar sobre a História da Educação Especial em Sergipe, nos deparamos com a escassez de informações, que se acentuaram quando limitamos ainda mais esse tema, e buscamos retomar sobre a História da Educação Especial no IFS. Ressaltamos que não encontramos nenhum trabalho que já tenha sido produzido e publicado sobre esse último tema.

Na Instituição, encontramos apenas os registros dos alunos com necessidades especiais, a partir de 2002 em diante. Parece até que nos primeiros noventa e três anos de história, a Instituição não matriculou nenhum aluno com necessidades especiais. Ou, o que é pior, se algum aluno com necessidade especial fez parte dessa Instituição, sua história está sendo perdida e desconsiderada.

Após levantamento inicial, encontramos apenas três trabalhos na área da História da Educação Especial de Sergipe: a Dissertação de Mestrado de Rita de Cássia Santos Souza, publicada, em 2005, no livro “Educação especial em Sergipe: uma trajetória de descaso, lutas, dores e conquistas”; a Tese de Doutorado de Verônica dos Reis Mariano Souza, de 2007, intitulado “Gênese da educação do surdo em Aracaju”; e o de Doutorado de Rita de Cássia Santos Souza, de 2009, intitulado “Educação Especial do século XIX ao início do século XX: cuidar e educar para civilizar”.

Em relação aos trabalhos sobre a Educação Especial no Brasil, destacamos os de: Gilberta Sampaio de Martino Januzzi, que trabalha, desde a década de 80 do século XX, com a educação dos deficientes mentais e aborda a História da Educação do Deficiente Mental; Maria Aparecida Leite Soares, que trabalha a educação dos surdos no Brasil desde o seu mestrado; Marcos José Silveira Mazzotta, que discute, há mais de trinta anos, a Educação Especial no Brasil. Em seu último livro “Educação Especial: história e políticas públicas”, traz importantes

contribuições à pesquisa Histórica em Educação Especial; e José Geraldo Silveira Bueno, que estuda a educação especial, discutindo a inclusão/exclusão escolar.

Embora, tenhamos encontrado uma produção maior de pesquisas referentes à Educação Especial no Brasil, salientamos que essas pesquisas concentram-se, quase todas, na região sul e sudeste do país. Aliás, Souza (2009, p. 29) destaca que “no nordeste do Brasil, apenas o Ceará e Sergipe, têm estudos publicados sobre a História da Educação Especial”.

Salientamos que a história das pessoas com deficiências não pode ser contada, apenas através de conhecimento e análise de documentos institucionais, legislação, ou outras formas de registros escritos, uma vez que, juntamente com a história documentada, existe a história das pessoas que viveram e os processos registrados pelos documentos oficiais. Freitas (2003, p. 14) destaca que:

A pesquisa na área da história da educação nas duas últimas décadas, ampliou a possibilidade de estudos a partir da definição de novos temas/problemas e da utilização de documentos e fontes não tradicionais. Para além da legislação educacional, dos relatórios produzidos por autoridades do ensino e do poder executivo, regulamentos, programas de ensino, dados estatísticos [...] é possível perceber uma “revolução documental”[...]

Atentos a essa questão, alguns autores, como Ezpeleta e Rockwell (1989), ressaltam a coexistência de outra história, não documentada, mas também presente, e que pode nos auxiliar a entender a dinâmica das relações que são estabelecidas em um determinado período. Desta forma, não podemos descartar o recurso direto às pessoas, uma vez que, elas fazem parte da história e, muitas vezes, elucidam claramente as informações documentais, enriquecendo o trabalho. Nesse sentido, nossa pesquisa incluiu, análise documental e entrevistas semiestruturadas, realizadas com os personagens envolvidos.

Observamos, ainda, que os professores e autores de livros sobre a História da Educação, quase sempre não tratam da História da Educação Especial. Nos anais dos eventos de Educação Especial, existem poucos e, às vezes, nenhum trabalho sobre esse tema. Além disso, os professores normalmente planejam suas aulas, seus cursos para alunos ideais, como se todos os alunos fossem iguais e a escola formada apenas por eles.

Porém, Ferrete; Ferrete e Souza (2009, p. 2) ao pesquisarem sobre as dificuldades metodológicas de um deficiente visual no curso de Licenciatura em Matemática do IFS, concluíram que a grande dificuldade no processo de ensino-aprendizagem da matemática, para o aluno deficiente visual pesquisado, consiste no fato de que para ele poder compreender os conceitos matemáticos, há necessidade de que uma pessoa possa transformar conceitos abstratos em algo tateável. Assim,

mostraram que, quando isso é feito, o aluno consegue compreender o conceito por mais abstrato que este seja. Eles explicaram que:

[...] o invento de um aluno do próprio curso de Licenciatura em Matemática do IFS, permitiu ao aluno com deficiência visual, através do encaixe de dois quadrados de papelão sob um ângulo de noventa graus, formando quatro quadrantes, permitiu uma melhor compreensão do campo tridimensional. Desta forma, o aluno pode tatear um espaço tridimensional, e compreender melhor conceitos matemáticos como o da ortogonalidade de vetores.

Desta forma, defenderam que inventos como o citado acima, tecnologias de baixo custo, não são comumente difundidos nas escolas, entre os professores, e provavelmente, outro deficiente visual que tiver que aprender o mesmo conceito, terá possivelmente à mesma dificuldade, e, provavelmente, seu professor não utilizará esse recurso por não conhecê-lo, a menos que inventos como esse, sejam largamente divulgados.

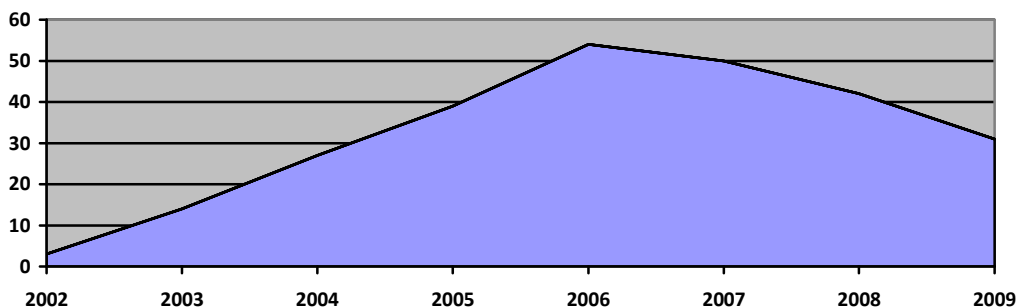
Estes fatos reforçaram a necessidade de uma maior publicação na área da História da Educação Especial, difundindo assim atitudes, conceitos, inventos criados e/ou adotados para o ensino de alunos com necessidades especiais. Os trabalhos publicados nessa área poderão contribuir para uma melhor compreensão de suas necessidades, como também mostrar alternativas de trabalhar tais necessidades e proporcionar o surgimento de novas abordagens.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Salientamos que esse trabalho está apenas no início, pois ainda temos muito a pesquisar e a resgatar da participação dos alunos com necessidades especiais no IFS, que foi uma das primeiras Instituições de Ensino no Brasil, a incluir cotas para alunos com necessidades especiais, em 2002. No entanto, infelizmente abandonou essa prática completamente no ano de 2009, e desde então, o NAPNEE só tem registrado o acompanhamento dos alunos que solicitam ajuda a este Núcleo.

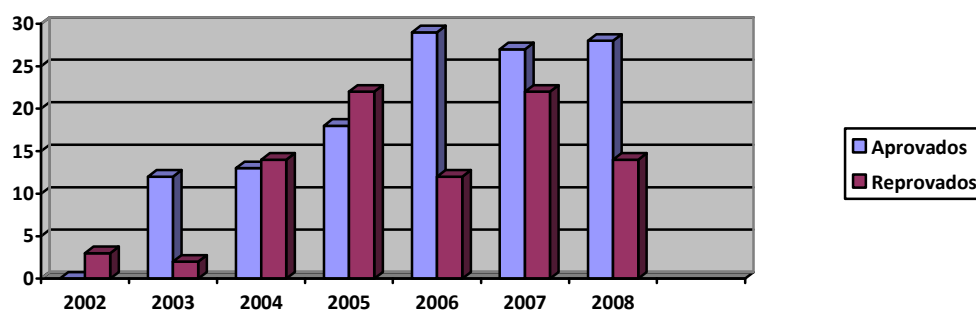
Conforme o gráfico 01, observamos que de 2002 a 2006, tivemos um crescimento exponencial da participação dos alunos com necessidades especiais no IFS, e a partir de 2006, observamos que a curva se tornou descendente como fica evidente no gráfico abaixo, e que relaciona o ano com o quantitativo de alunos registrados no NAPNEE:

Gráfico 01: Alunos com necessidades especiais no IFS



Observamos no gráfico 01, que a partir de 2006 tivemos uma queda do número de alunos com necessidades especiais atendidos pelo NAPNEE devido, principalmente, ao alto índice de evasão e reprovação desses alunos. Como fica evidente no gráfico 02 que compara o número de alunos aprovados e reprovados em cada ano:

Gráfico 02: Alunos aprovados e reprovados



Analisando o número de alunos com necessidades especiais aprovados e reprovados em cada ano, verificamos que nos anos de 2002, 2004 e 2005 tivemos mais alunos reprovados do que aprovados. Em 2002, todos os alunos foram reprovados. Em 2003, 2006, 2007 e 2008, tivemos mais alunos aprovados do que reprovados. Ressaltamos que a taxa média de reprovação, no período de 2002 a 2008, foi de 41,21%. Podemos destacar que o baixo desempenho desses alunos, reside no fato de o Instituto exigir de todos, aquilo que ele não dá para todos, ou seja, condições igualitárias para que todos consigam desenvolver suas atividades.

Esse fato torna-se notório, quando observamos que infelizmente junto à criação do NAPNEE, não foi instituído um programa de inclusão institucional, ou seja, faltou um trabalho de sensibilização e informação para que esses alunos fossem realmente incluídos. Isso se tornou evidente quando ouvimos depoimentos de alunos com necessidades especiais que relataram terem sido coagidos por professores e colegas de sala, a desistir de seus cursos, alegando que eles não teriam condições de cumprir os pré-requisitos necessários para concluir as disciplinas.

Destacamos que um ensino mais humanizado, talvez não faça parte da prática da maioria daqueles que rejeitaram colocar seus esforços para a educação dos que possuem necessidades educacionais especiais. Contudo, quando falamos de “educação humanizada”, não estamos nos referindo à opção por um rebaixamento na qualidade das aulas ministradas; nem na falsa facilitação

da aprendizagem; nem filantropia; e muito menos, na superficialidade com que os conteúdos curriculares, muitas vezes, são ministrados. A educação inclusiva calca-se no paradigma de que os diferentes devem ser tratados de forma diferente.

Dessa forma, numa sociedade como a nossa, onde as desigualdades sociais são gritantes, e o discurso corporativista de uma elite pesa mais do que o coro da imensa maioria de brasileiros que está à margem do mercado de trabalho. A bandeira para uma escola menos excludente é uma questão que não pode ser resolvida sem luta para uma verdadeira democratização do poder e do espaço social, onde as desigualdades sejam menos díspares. Finalizamos, parabenizando os 27 alunos com necessidades especiais que conseguiram se formar no IFS no período de 2002 a 2008.

6. REFERÊNCIAS

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa participante**. 2^a ed. Trad. Francisco S. de A. Barbosa. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

FERRETE, Rodrigo Bozi; FERRETE, Anne Alilma S. S; SOUZA, Verônica dos R. M. *Tecnologias assistivas e inclusão no ensino da matemática*. In: **III Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**. Itabaiana-SE: UFS, 2009.

FREITAS, Anamaria G. B. de. **Educação, Trabalho e Ação Política: sergipanas no início do século XX**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2003.

LOPES, Eliane, M. T.; GALVÃO, A. M. O. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SOUZA, Rita C. S. **Educação Especial do século XIX ao século XX: cuidar e educar para civilizar**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SOUZA, Rita C. S. **Educação Especial em Sergipe: uma trajetória de descaso, lutas, dores e conquistas**. Aracaju: UNIT, 2005.

SOUZA, Verônica R. M. **Gênese da Educação dos Surdos em Aracaju**. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

UNESCO. **Declaração de Salamanca sobre princípios e práticas em educação especial**. Espanha, 1994.

ⁱ Professora Doutora em Educação na Universidade Federal de Sergipe. [Educação a Distância e Práticas Educativas Comunicacionais e Interculturais \(EDaPECI\)](#) - UFS (pesquisador); [Grupo de Pesquisa em Inclusão Escolar da Pessoa com Deficiência](#) - UFS (pesquisador); [NUCA-Núcleo de Comunicação e Arte](#) - UFS (pesquisador); Coordenadora da equipe de formação do Programa Um Computador por Aluno (PROUCA/UFS). E-mail: alilma.ferrete50@gmail.com.

ⁱⁱ Professor do Instituto Federal de Sergipe. [Grupo de Pesquisa em Inclusão Escolar da Pessoa com Deficiência](#) - UFS (pesquisador). E-Mail: rodrigo.bozi@ifa.edu.br.

ⁱⁱⁱ Legenda: DF = Deficiência Física; DA = Deficiência Auditiva; DFM = Deficiência Física e Mental; DMV = Deficiência Mental e Visual; DM = Deficiência Mental; DV = Deficiência Visual; DVI = Deficiência Visual e Intelectual.

^{iv} Legenda: AP = Aprovado; RE = Reprovado.

^v Curso Tecnológico em Saneamento Ambiental, Ecoturismo e Automação Industrial.

^{vi} Os Cursos Integrados são cursos de quatro anos de duração que trabalham as disciplinas do Ensino Médio tradicional juntamente com as disciplinas da área técnica de cada curso, assim, temos os Cursos Integrados de Eletricidade, Química de Alimentos entre outros.